

MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro

BROQUÉIS
Cruz e Sousa

Seigneur, mon Dieu! acordez-moi
la grace de produire quelques
beaux vers qui me prouvent
à moi-même que je ne suis pas le
dernier des hommes, que je
ne suis pas inferieur à ceux que
je méprise.

Baudelaire

Índice

ANTÍFONA

SIDERAÇÕES

LÉSBIA

MÚMIA

EM SONHOS...

LUBRICIDADE

MONJA

CRISTO DE BRONZE

CLAMANDO...

BRAÇOS

REGINA COELI

SONHO BRANCO

CANÇÃO DA FORMOSURA

TORRE DE OURO

CARNAL E MÍSTICO

A DOR

ENCARNAÇÃO

SONHADOR
NOIVA DA AGONIA

LUA

SATÃ

BELEZA MORTA

AFRA

PRIMEIRA COMUNHÃO

JUDIA

VELHAS TRISTEZAS

VISÃO DA MORTE

DEUSA SERENA

TULIPA REAL

APARIÇÃO

VESPERAL

DANÇA DO VENTRE

FOEDERIS ARCA

TUBERCULOSA

FLOR DO MAR

DILACERAÇÕES

REGENERADA

SENTIMENTOS CARNAIS

CRISTAIS

SINFONIAS DO OCASO

REBELADO

MÚSICA MISTERIOSA...

SERPENTE DE CABELOS

POST-MORTEM

ALDA

ACROBATA DA DOR

ANGELUS...

LEMBRANÇAS APAGADAS

SUPREMO DESEJO

SONATA

MAJESTADE CAÍDA

INCENSOS

LUZ DOLOROSA...

TORTURA ETERNA

ANTÍFONA

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luars, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, consteladamente puras,
De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...
Dormências de volúpicos venenos
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,
Inefáveis, edênicos, aéreos,
Fecundai o Mistério destes versos
Com a chama ideal de todos os mistérios.

Do Sonho as mais azuis diafaneidades
Que fuljam, que na Estrofe se levantem
E as emoções, todas as castidades
Da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros
Fecunde e inflame a rima clara e ardente...
Que brilhe a correção dos alabastros
Sonoramente, luminosamente.

Forças originais, essência, graça
De carnes de mulher, delicadezas...
Todo esse eflúvio que por ondas passa
Do Éter nas róseas e áureas correntezas...

Cristais diluídos de clarões álacres,
Desejos, vibrações, ânsias, alentos,
Fulvas vitórias, triunfamentos acres,
Os mais estranhos estremecimentos...

Flores negras do tédio e flores vagas
De amores vãos, tantálicos, doentios...
Fundas vermelhidões de velhas chagas
Em sangue, abertas, escorrendo em rios...

Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,

Nos turbilhões quiméricos do Sonho,
 Passe, cantando, ante o perfil medonho
 E o tropel cabalístico da Morte...

índice

SIDERAÇÕES

Para as Estrelas de cristais gelados
 As ânsias e os desejos vão subindo,
 Galgando azuis e siderais noivados
 De nuvens brancas a amplidão vestindo...

Num cortejo de cânticos alados
 Os arcanjos, as cítaras ferindo,
 Passam, das vestes nos troféus prateados,
 As asas de ouro finamente abrindo...

Dos etéreos turíbulos de neve
 Claro incenso aromal, límpido e leve,
 Ondas nevoentas de Visões levanta...

E as ânsias e os desejos infinitos
 Vão com os arcanjos formulando ritos
 Da Eternidade que nos Astros canta...

índice

LÉSBIA

Cróton selvagem, tinhorão lascivo,
 Planta mortal, carnívora, sangrenta,
 Da tua carne báquica rebenta
 A vermelha explosão de um sangue vivo.

Nesse lábio mordente e convulsivo,
 Ri, ri risadas de expressão violenta

O Amor, trágico e triste, e passa, lenta,
A morte, o espasmo gélido, aflitivo...

Lésbia nervosa, fascinante e doente,
Cruel e demoníaca serpente
Das flamejantes atrações do gozo.

Dos teus seios acídulos, amargos,
Fluem capros aromas e os letargos,
Os ópios de um luar tuberculoso...

índice

MÚMIA

Múmia de sangue e lama e terra e treva,
Podridão feita deusa de granito,
Que surges dos mistérios do Infinito
Amamentada na lascívia de Eva.

Tua boca voraz se farta e ceva
Na carne e espalhas o terror maldito,
O grito humano, o doloroso grito
Que um vento estranho para os limbos leva.

Báratros, criptas, dédalos atrozes
Escancaram-se aos tétricos, ferozes
Uivos tremendos com luxúria e cio...

Ris a punhais de frígidos sarcasmos
E deve dar congélidos espasmos
O teu beijo de pedra horrendo e frio!...

índice

EM SONHOS...

Nos Santos óleos do luar, floria
 Teu corpo ideal, com o resplendor da Helade...
 E em toda a etérea, branda claridade
 Como que erravam fluidos de harmonia...

As Águias imortais da Fantasia
 Deram-te as asas e a serenidade
 Para galgar, subir à Imensidade
 Onde o clarão de tantos sóis radia.

Do espaço pelos lípidos velinos
 Os Astros vieram claros, cristalinos,
 Com chamas, vibrações, do alto, cantando...

Dos santos óleos do luar envolto
 Teu corpo era o Astro nas esferas solto,
 Mais Sóis e mais Estrelas fecundando!

índice

LUBRICIDADE

Quisera ser a serpe venenosa
 Que dá-te medo e dá-te pesadelos
 Para envolver-me, ó Flor maravilhosa,
 Nos flavos turbilhões dos teus cabelos.

Quisera ser a serpe veludosa
 Para, enroscada em múltiplos novelos,
 Saltar-te aos seios de fluidez cheirosa
 E babujá-los e depois mordê-los...

Talvez que o sangue impuro e flamejante
 Do teu lânguido corpo de bacante,
 Da langue ondulação de águas do Reno

Estranhamente se purificasse...

Pois que um veneno de áspide vorace
Deve ser morto com igual veneno...

índice

MONJA

Ó Lua, Lua triste, amargurada,
Fantasma de brancuras vaporosas,
A tua névea luz ciliciada
Faz murcheecer e congelar as rosas.

Nas flóridas searas ondulosas,
Cuja folhagem brilha fosforeada,
Passam sombras angélicas, nivasas,
Lua, Monja da cela constelada.

Filtros dormentes dão aos lagos quietos,
Ao mar, ao campo, os sonhos mais secretos,
Que vão pelo ar, noctâmbulos, pairando...

Então, ó Monja branca dos espaços,
Parece que abres para mim os braços,
Fria, de joelhos, trêmula, rezando...

índice

CRISTO DE BRONZE

Ó Cristos de ouro, de marfim, de prata,
Cristos ideais, serenos, luminosos,
Ensangüentados Cristos dolorosos
Cuja cabeça a Dor e a Luz retrata.

Ó Cristos de altivez intemerata,
Ó Cristos de metais estrepitosos

Que gritam como os tigres venenosos
Do desejo carnal que enerva e mata.

Cristos de pedra, de madeira e barro...
Ó Cristo humano, estético, bizarro,
Amortalhado nas fatais injúrias...

Na rija cruz aspérrima pregado
Canta o Cristo de bronze do Pecado,
Ri o Cristo de bronze das luxúrias!...

índice

CLAMANDO...

Bárbaros vãos, dementes e terríveis
Bonzos tremendos de ferrenho aspecto,
Ah! deste ser todo o clarão secreto
Jamais pôde inflamar-vos, Impassíveis!

Tantas guerras bizarras e incoercíveis
No tempo e tanto, tanto imenso afeto,
São para vós menos que um verme e inseto
Na corrente vital pouco sensíveis.

No entanto nessas guerras mais bizarras
De sol, clarins e rútilas fanfarras,
Nessas radiantes e profundas guerras...

As minhas carnes se dilaceraram
E vão, das llusões que flamejaram,
Com o próprio sangue fecundando as terras...

índice

BRAÇOS

Braços nervosos, brancas opulências,
 Brumais brancuras, fúlgidas brancuras,
 Alvuras castas, virginais alvuras,
 Lactescências das raras lactescências.

As fascinantes, mórbidas dormências
 Dos teus abraços de letais flexuras,
 Produzem sensações de agres torturas,
 Dos desejos as mornas flolescências.

Braços nervosos, tentadoras serpes
 Que prendem, tetanizam como os herpes,
 Dos delírios na trêmula coorte...

Pompa de carnes tépidas e flóreas,
 Braços de estranhas correções marmóreas,
 Abertos para o Amor e para a Morte!

índice

REGINA COELI

Ó Virgem branca, Estrela dos altares,
 Ó Rosa pulcra dos Rosais polares!

Branca, do alvor das âmbulas sagradas
 E das níveas camélias regeladas.

Das brancuras de seda sem desmaios
 E da lua de linho em nimbo e raios.

Regina Coeli das sidéreas flores,
 Hóstia da Extrema-Unção de tantas dores.

Ave de prata e azul, Ave dos astros...
 Santelmo aceso, a cintilar nos mastros...

Gôndola etérea de onde o Sonho emerge...
Água Lustral que o meu Pecado asperge.

Bandolim do luar, Campo de giesta,
Igreja matinal gorjeando em festa.

Aroma, Cor e Som das Ladainhas
De Maio e Vinha verde dentre as vinhas.

Dá-me, através de cânticos, de rezas,
O Bem, que almas acerbadas torna ilesas.

O Vinho d'ouro, ideal, que purifica
Das seivas juvenis a força rica.

Ah! faz surgir, que brote e que floresça
A Vinha d'ouro e o vinho resplandeça.

Pela Graça imortal dos teus Reinados
Que a Vinha os frutos desabroche iriados.

Que frutos, flores, essa Vinha brote
Do céu sob o estrelado chamalote.

Que a luxúria poreje de áureos cachos
E eu um vinho de sol beba aos riachos.

Virgem, Regina, Eucaristia, Coeli,
Vinho é o clarão que ao teu Amor impele.

Que desabrocha ensangüentadas rosas
Dentro das naturezas luminosas.

Ó Regina do Mar! Coeli! Regina!
Ó Lâmpada das naves do Infinito!
Todo o Mistério azul desta Surdina
Vem d'estranhos Missais de um novo Rito!...

índice

SONHO BRANCO

De linho e rosas brancas vais vestido,
 Sonho virgem que cantas no meu peito!...
 És do Luar o claro deus eleito,
 Das estrelas puríssimas nascido.

Por caminho aromal, enflorescido,
 Alvo, sereno, límpido, direito,
 Segues, radiante, no esplendor perfeito,
 No perfeito esplendor indefinido...

As aves sonorizam-te o caminho...
 E as vestes frescas, do mais puro linho
 E as rosas brancas dão-te um ar nevado...

No entanto, Ó Sonho branco de quermesse!
 Nessa alegria em que tu vais, parece
 Que vais infantilmente amortalhado!

índice

CANÇÃO DA FORMOSURA

Vinho de sol ideal canta e cintila
 Nos teus olhos, cintila e aos lábios desce,
 Desce a boca cheirosa e a empurpurece,
 Cintila e canta após dentre a pupila.

Sobe, cantando, à limpidez tranqüila
 Da tu'alma estrelada e resplandece,
 Canta de novo e na doirada messe
 Do teu amor se perpetua e trila...

Canta e te alaga e se derrama e alaga...
 Num rio de ouro, iriante, se propaga
 Na tua carne alabastrina e pura.

Cintila e canta, na canção das cores,
 Na harmonia dos astros sonhadores,
 A Canção imortal da Formosura!

índice

TORRE DE OURO

Desta torre desfraldam-se altaneiras,
 Por sóis de céus imensos broqueladas,
 Bandeiras reais, do azul das madrugada
 E do íris flamejante das poncheiras.

As torres de outras regiões primeiras
 No Amor, nas Glórias vãs arrebatadas,
 Não elevam mais alto, desfraldadas,
 Bravas, triunfantes, imortais bandeiras.

São pavilhões das hostes fugitivas,
 Das guerras acres, sanguinárias, vivas,
 Da luta que os Espíritos ufana.

Estandartes heróicos, palpitanes,
 Vendo em marcha passar aniquilantes
 As torvas catapultas do Nirvana!

índice

CARNAL E MÍSTICO

Pelas regiões tenuíssimas da bruma
 Vagam as Virgens e as Estrelas raras...
 Como que o leve aroma das searas
 Todo o horizonte em derredor perfuma.

Numa evaporação de branca espuma
 Vão diluindo as perspectivas claras...
 Com brilhos crus e fúlgidos de tiaras
 As Estrelas apagam-se uma a uma.

E então, na treva, em místicas dormências,
 Desfila, com sidéreas lactescências,
 Das Virgens o sonâmbulo cortejo...

Ó Formas vagas, nebulosidades!
 Essência das eternas virgindades!
 Ó intensas quimeras do Desejo...

índice

A DOR

Torva Babel das lágrimas, dos gritos,
 Dos soluços, dos ais, dos longos brados,
 A Dor galgou os mundos ignorados,
 Os mais remotos, vagos infinitos.

Lembrando as religiões, lembrando os ritos,
 Avassalara os povos condenados,
 Pela treva, no horror, desesperados,
 Na convulsão de Tântalos aflitos.

Por buzinas e trompas assopando
 As gerações vão todas proclamando
 A grande Dor aos frígidos espaços...

E assim parecem, pelos tempos mudos,
 Raças de Prometeus titânios, rudos,
 Brutos e colossais, torcendo os braços!

índice

ENCARNAÇÃO

Carnais, sejam carnis tantos desejos,
 Carnais, sejam carnis tantos anseios,
 Palpitações e frêmitos e enleios,
 Das harpas da emoção tantos arpejos...

Sonhos, que vão, por trêmulos adejos,
 À noite, ao luar, intumescer os seios
 Lácteos, de finos e azulados veios
 De virgindade, de pudor, de pejos...

Sejam carnis todos os sonhos brumos
 De estranhos, vagos, estrelados rumos
 Onde as Visões do amor dormem geladas...

Sonhos, palpitações, desejos e ânsias
 Formem, com claridades e fragrâncias,
 A encarnação das lívidas Amadas!

índice

SONHADOR

Por sóis, por belos sóis alvissareiros,
 Nos troféus do teu Sonho irás cantando,
 As púrpuras romanas arrastando,
 Engrinaldado de imortais loureiros.

Nobre guerreiro audaz entre os guerreiros,
 Das Idéias as lanças sopesando,
 Verás, a pouco e pouco, desfilando
 Todos os teus desejos condoreiros...

Imaculado, sobre o lodo imundo,
 Há de subir, com as vivas castidades,
 Das tuas glórias o clarão profundo.

Há de subir, além de eternidades,
 Diante do torvo crocitar do mundo,
 Para o branco Sacrário das Saudades!

índice

NOIVA DA AGONIA

Trêmula e só, de um tûmulo surgindo,
 Aparição dos ermos desolados,
 Trazes na face os frios tons magoados
 De quem anda por tûmulos dormindo...

A alta cabeça no esplendor, cingindo
 Cabelos de reflexos irisados,
 Por entre auréolas de clarões prateados,
 Lembras o aspecto de um luar diluindo...

Não és, no entanto, a torva Morte horrenda,
 Atra, sinistra, gélida, tremenda,
 Que as avalanches da Ilusão governa...

Mas ah! és da Agonia a Noiva triste
 Que os longos braços lívidos abriste
 Para abraçar-me para a Vida eterna!

índice

LUA

Clâmides frescas, de brancuras frias,

Finíssimas dalmáticas de neve
 Vestem as longas árvores sombrias,
 Surgindo a Lua nebulosa e leve...

Névoas e névoas frígidas ondulam...
 Alagam lácteos e fulgentes rios
 Que na enluarada refração tremulam
 Dentre fosforescências, calafrios...

E ondulam névoas, cetinosas rendas
 De virginais, de prônubas alvuras...
 Vagam baladas e visões e lendas
 No flórido noivado das Alturas...

E fria, fluente, frouxa claridade
 Flutua como as brumas de um letargo...
 E erra no espaço, em toda a imensidade,
 Um sonho doente, cilicioso, amargo...

Da vastidão dos páramos serenos,
 Das siderais abóbadas cerúleas
 Cai a luz em antífonas, em trenos,
 Em misticismos, orações e dúlias...

E entre os marfins e as pratas diluídas
 Dos lânguidos clarões tristes e enfermos,
 Com grinaldas de roxas margaridas
 Vagam as Virgens de cismares ermos...

Cabelos torrenciais e dolorosos
 Bóiam nas ondas dos etéreos gelos.
 E os corpos passam níveos, luminosos,
 Nas ondas do luar e dos cabelos...

Vagam sombras gentis de mortas, vagam
 Em grandes procissões, em grandes alas,
 Dentre as auréolas, os clarões que alagam,
 Opulências de pérolas e opalas.

E a Lua vai clorótica fulgindo
 Nos seus alperces etereais e brancos,
 A luz gelada e pálida diluindo
 Das serranias pelos largos flancos...

Ó Lua das magnólias e dos lírios!
 Geleira sideral entre as geleiras!
 Tens a tristeza mórbida dos círios
 E a lividez da chama das poncheiras!

Quando ressorges, quando brilhas e amas,
 Quando de luzes a amplidão constelas,
 Com os fulgores glaciais que tu derramas
 Dás febre e frio, dás nevrose, gelas...

A tua dor cristalizou-se outrora
 Na dor profunda mais dilacerada
 E das dores estranhas, ó Astro, agora,
 És a suprema Dor cristalizada!...

índice

SATÃ

Capro e revel, com os fabulosos cornos
 Na fronte real de rei dos reis vetustos,
 Com bizarros e lúbricos contornos,
 Ei-lo Satã dentre os Satãs augustos.

Por verdes e por báquicos adornos
 Vai c'roado de pâmpanos venustos
 O deus pagão dos Vinhos acres, mornos,
 Deus triunfador dos triunfadores justos.

Arcangélico e audaz, nos sóis radiantes,
 A púrpura das glórias flamejantes,
 Alarga as asas de relevos bravos...

O Sonho agita-lhe a imortal cabeça...
 E solta aos sóis e estranha e ondeada e espessa
 Canta-lhe a juba dos cabelos flavos!

índice

BELEZA MORTA

De leve, louro e enlanguescido helianto
Tens a flórea dolência con tristada...
Há no teu riso amargo um certo encanto
De antiga formosura destronada.

No corpo, de um letárgico quebranto,
Corpo de essência fina, delicada,
Sente-se ainda o harmonioso canto
Da carne virginal, clara e rosada.

Sente-se o canto errante, as harmonias
Quase apagadas, vagas, fugidias
E uns restos de clarão de Estrela acesa...

Como que ainda os derradeiros haustos
De opulências, de pompas e de faustos,
As relíquias saudosas da beleza.

índice

AFRA

Ressurges dos mistérios da luxúria,
Afra, tentada pelos verdes pomos,
Entre os silfos magnéticos e os gnomos
Maravilhosos da paixão purpúrea.

Carne explosiva em pólvoras e fúria
De desejos pagãos, por entre assomos
Da virgindade - casquinantes momos
Rindo da carne já votada à incúria.

Votada cedo ao lânguido abandono,
Aos mórbidos delíquios como ao sono,
Do gozo haurindo os venenosos sucos.

Sonho-te a deusa das lascivas pompas,
A proclamar, impávida, por trompas,
Amores mais estéreis que os eunucos!

índice

PRIMEIRA COMUNHÃO

Grinaldas e véus brancos, véus de neve,
Véus e grinaldas purificadores,
Vão as Flores carnaís, as alvas Flores
Do Sentimento delicado e leve.

Um luar de pudor, sereno e breve,
De ignotos e de prônubos pudores,
Erra nos pulcros virginais brancos
Por onde o Amor parábolas descreve...

Luzes claras e augustas, luzes claras
Douram dos templos as sagradas aras,
Na comunhão das néveas hóstias frias...

Quando seios pubentes estremecem,
Silfos de sonhos de volúpia crescem,
Ondulantes, em formas alvadias...

índice

JUDIA

Ah! Judia! Judia impenitente!
De erma e de turva região sombria

De areia fulva, bárbara, inclemente,
 Numa desolação, chegaste um dia...

Través o céu mais tórrido, mais quente,
 Onde a luz mais flamívoma radia,
 A voz dos teus, nostálgica, plangente,
 Vibrou, chorou, clamou por ti, Judia!

Ave de melancólicos mistérios,
 Ruflaste as asas por Azuis siderios,
 Ébria dos vícios célebres que salvam...

Para alguns corações que ainda te buscam
 És como os sóis que rútilos coruscam
 E a torva terra do deserto escalvam!

índice

VELHAS TRISTEZAS

Diluências de luz, velhas tristezas
 Das almas que morreram para a luta!
 Sois as sombras amadas de belezas
 Hoje mais frias do que a pedra bruta.

Murmúrios incógnitos de gruta
 Onde o Mar canta os salmos e as rudezas
 De obscuras religiões - voz impoluta
 De todas as titânicas grandezas.

Passai, lembrando as sensações antigas,
 Paixões que foram já dóceis amigas,
 Na luz de eternos sóis glorificadas.

Alegrias de há tempos! E hoje e agora,
 Velhas tristezas que se vão embora
 No poente da Saudade amortalhadas!...

VISÃO DA MORTE

Olhos voltados para mim e abertos
 Os braços brancos, os nervosos braços,
 Vens d'espacos estranhos, dos espacos
 Infinitos, intérminos, desertos...

Do teu perfil os tímidos, incertos
 Traços indefinidos, vagos traços
 Deixam, da luz nos ouros e nos aços,
 Outra luz de que os céus ficam cobertos.

Deixam nos céus uma outra luz mortuária,
 Uma outra luz de lívidos martírios,
 De agonias, de mágoa funerária...

E causas febre e horror, frio, delírios,
 Ó Noiva do Sepulcro, solitária,
 Branca e sinistra no clarão dos círios!

DEUSA SERENA

Espiritualizante Formosura
 Gerada nas Estrelas impassíveis,
 Deusa de formas bíblicas, flexíveis,
 Dos eflúvios da graça e da ternura.

Açucena dos vales da Escritura,
 Da alvura das magnólias marcesáveis,
 Branca Via-Láctea das indefiníveis
 Brancuras, fonte da imortal brancura.

Não veio, é certo, dos paus da terra
 Tanta beleza que o teu corpo encerra,

Tanta luz de luar e paz saudosa...

Vem das constelações, do Azul do Oriente,
Para triunfar maravilhosamente
Da beleza mortal e dolorosa!

TULIPA REAL

Carne opulenta, majestosa, fina,
Do sol gerada nos febris carinhos,
Há músicas, há cânticos, há vinhos
Na tua estranha boca sulferina.

A forma delicada e alabastrina
Do teu corpo de límpidos arminhos
Tem a frescura virginal dos linhos
E da neve polar e cristalina.

Deslumbramento de luxúria e gozo,
Vem dessa carne o travo aciduloso
De um fruto aberto aos tropicais mormaços.

Teu coração lembra a orgia dos triclinios...
E os reis dormem bizarros e sanguíneos
Na seda branca e pulcra dos teus braços.

APARIÇÃO

Por uma estrada de astros e perfumes
A Santa Virgem veio ter comigo:
Doiravam-lhe o cabelo claros lumes
Do sacrossanto resplendor antigo.

Dos olhos divinais no doce abrigo
 Não tinha laivos de Paixões e ciúmes:
 Domadora do Mal e do perigo
 Da montanha da Fé galgara os cumes.

Vestida na alva excelsa dos Profetas
 Falou na ideal resignação de Ascetas,
 Que a febre dos desejos aquebranta.

No entanto os olhos d'Ela vacilavam,
 Pelo mistério, pela dor flutuavam,
 Vagos e tristes, apesar de Santa!

índice

VESPERAL

Tardes de ouro para harpas dedilhadas
 Por sacras solenidades
 De catedrais em pompa, iluminadas
 Com rituais majestades.

Tardes para quebrantos e surdinas
 E salmos virgens e cantos
 De vozes celestiais, de vozes finas
 De surdinas e quebrantos...

Quando através de altas vidraçarias
 De estilos góticos, graves,
 O sol, no poente, abre tapeçarias,
 Resplandecendo nas naves...

Tardes augustas, bíblicas, serenas,
 Com silêncio de ascetérios
 E aromas leves, castos, de açucenas
 Nos claros ares sidéreos...

Tardes de campos repousados, quietos,
 Nos longes emocionantes...

De rebanhos saudosos, de secretos
Desejos vagos, errantes...

Ó Tardes de Beethoven, de sonatas,
De um sentimento aéreo e velho...
Tardes da antiga limpidez das pratas,
De Epístolas do Evangelho!...

índice

DANÇA DO VENTRE

Torva, febril, torcicolosamente,
Numa espiral de elétricos volteios,
Na cabeça, nos olhos e nos seios
Fluíam-lhe os venenos da serpente.

Ah! que agonia tenebrosa e ardente!
Que convulsões, que lúbricos anseios,
Quanta volúpia e quantos bamboleios,
Que brusco e horrível sensualismo quente.

O ventre, em pinchos, empinava todo
Como reptil abjeto sobre o lodo,
Espolinhando e retorcido em fúria.

Era a dança macabra e multiforme
De um verme estranho, colossal, enorme,
Do demônio sangrento da luxúria!

índice

FOEDERIS ARCA

Visão que a luz dos Astros louros trazes,

Papoula real tecida de neblinas
Leves, etéreas, vaporosas, finas,
Com aromas de lírios e lilazes.

Brancura virgem do cristal das frases,
Neve serena das regiões alpinas,
Willis juncal de mãos alabastrinas,
De fugitivas correções vivazes.

Floresces no meu Verso como o trigo,
O trigo de ouro dentre o sol floresce
E és a suprema Religião que eu sigo...

O Missal dos Missais, que resplandece,
A igreja soberana que eu bendigo
E onde murmuro a solitária prece!...

índice

TUBERCULOSA

Alta, a frescura da magnólia fresca,
Da cor nupcial da flor da laranjeira,
Doces tons d'ouro de mulher tudesca
Na veludosa e flava cabeleira.

Raro perfil de mármore exatos,
Os olhos de astros vivos que flamejam,
Davam-lhe o aspecto excêntrico dos cactus
E esse alado das pombas, quando adejam...

Radiava nela a incomparável messe
Da saúde brotando vigorosa,
Como o sol que entre névoas resplandece,
Por entre a fina pele cor-de-rosa.

Era assim luminosa e delicada,
Tão nobre sempre de beleza e graça
Que recordava pompas de alvorada,

Sonoridades de cristais de taça.

Mas, pouco a pouco, a ideal delicadeza
Daquele corpo virginal e fino,
Sacrário da mais límpida beleza,
Perdeu a graça e o brilho diamantino.

Tísica e branca, esbelta, frígida e alta
E fraca e magra e transparente e esguia,
Tem agora a feição de ave pernalta,
De um pássaro alvo de aparência fria.

Mãos líricas e diáfanas, de neve,
Rosto onde um sonho aéreo e polar flutua,
Ela apresenta a fluidez, a leve
Ondulação da vaporosa lua.

Entre vidraças, como numa estufa,
No inverno glacial de vento e chuva
Que sobre as telhas tamborila e rufa,
Vejo-a, talhada em nitidez de luva...

E faz lembrar uma esquisita planta
De profundos pomares fabulosos
Ou a angélica imagem de uma Santa
Dentre a auréola de nimbos religiosos.

A enfermidade vai-lhe, palmo a palmo,
Ganhando o corpo, como num terreno...
E com prelúdios místicos de salmo
Cai-lhe a vida em crepúsculo sereno.

Jamais há de ela ter a cor saudável
Para que a carne do seu corpo goze,
Que o que tinha esse corpo de infável
Cristalizou-se na tuberculose.

Foge ao mundo fatal, arbusto débil,
Monja magoada dos estranhos ritos,
Ó trêmula harpa soluçante, flébil,
Ó soluçante, flébil eucaliptos...

índice

FLOR DO MAR

És da origem do mar, vens do secreto,
Do estranho mar espumoso e frio
Que põe rede de sonhos ao navio
E o deixa balouçar, na vaga, inquieto.

Possuis do mar o deslumbrante afeto,
As dormências nervosas e o sombrio
E torvo aspecto aterrador, bravio
Das ondas no atro e proceloso aspecto.

Num fundo ideal de púrpuras e rosas
Surges das águas mucilaginosas
Como a lua entre a névoa dos espaços...

Trazes na carne o eflorecer das vinhas,
Auroras, virgens músicas marinhas,
Acres aromas de algas e sargaços...

índice

DILACERAÇÕES

Ó carnes que eu amei sangrentamente,
Ó volúpias letais e dolorosas,
Essências de heliotropos e de rosas
De essência morna, tropical, dolente...

Carnes virgens e tépidas do Oriente
Do Sonho e das Estrelas fabulosas,
Carnes acerbadas e maravilhosas,
Tentadoras do sol intensamente...

Passei, dilaceradas pelos zelos,
 Através dos profundos pesadelos
 Que me apunhalam de mortais horrores...

Passai, passai, desfeitas em tormentos,
 Em lágrimas, em prantos, em lamentos,
 Em ais, em luto, em convulsões, em dores...

índice

REGENERADA

De mãos postas, à luz de frouxos círios
 Rezas para as Estrelas do Infinito,
 Para os Azuis dos siderais Empíreos
 Das Orações o doloroso rito.

Todos os mais recônditos martírios,
 As angústias mortais, teu lábio aflito
 Soluça, em preces de luar e lírios,
 Num trêmulo de frases inaudito.

Olhos, braços e lábios, mãos e seios,
 Presos d'estranhos, místicos enleios,
 Já nas Mágoas estão divinizados.

Mas no teu vulto ideal e penitente
 Parece haver todo o calor veemente
 Da febre antiga de gentis Pecados.

índice

SENTIMENTOS CARNAIS

Sentimentos carnis, esses que agitam

Todo o teu ser e o tornam convulsivo...
Sentimentos indômitos que gritam
Na febre intensa de um desejo altivo.

Ânsias mortais, angústias que palpitam,
Vãs dilacerações de um sonho esquivo,
Perdido, errante, pelos céus, que fitam
Do alto, nas almas, o tormento vivo.

Vãs dilacerações de um Sonho estranho,
Errante, como ovelhas de um rebanho,
Na noite de hóstias de astros constelada...

Errante, errante, ao turbilhão dos ventos,
Sentimentos carnaís, vãos sentimentos
De chama pelos tempos apagada...

índice

CRISTAIS

Mais claro e fino do que as finas pratas
O som da tua voz deliciava...
Na dolência velada das sonatas
Como um perfume a tudo perfumava.

Era um som feito luz, eram volatas
Em lânguida espiral que iluminava,
Branças sonoridades de cascatas...
Tanta harmonia melancolizava.

Filtros sutis de melodias, de ondas
De cantos volutuosos como rondas
De silfos leves, sensuais, lascivos...

Como que anseios invisíveis, mudos,
Da brancura das sedas e veludos,
Das virgindades, dos pudores vivos.

índice

SINFONIAS DO OCASO

Musselinosas como brumas diurnas
 Descem do acaso as sombras harmoniosas,
 Sombras veladas e musselinosas
 Para as profundas solidões noturnas.

Sacrários virgens, sacrossantas urnas,
 Os céus resplendem de sidéreas rosas,
 Da Lua e das Estrelas majestosas
 Iluminando a escuridão das furnas.

Ah! por estes sinfônicos ocasos
 A terra exala aromas de áureos vasos,
 Incensos de turíbulos divinos.

Os plenilúnios mórbidos vaporam...
 E como que no Azul plangem e choram
 Cítaras, harpas, bandolins, violinos...

índice

REBELADO

Ri tua face um riso acerbo e doente,
 Que fere, ao mesmo tempo que contrista...
 Riso de ateu e riso de budista
 Gelado no Nirvana impenitente.

Flor de sangue, talvez, e flor dolente
 De uma paixão espiritual de artista,
 Flor de Pecado sentimentalista
 Sangrando em riso desdenhosamente.

Da alma sombria de tranqüilo asceta
 Bebeste, entanto, a morbidez secreta
 Que a febre das insânias adormece.

Mas no teu lábio convulsivo e mudo
 Mesmo até riem, com desdêns de tudo,
 As sílabas simbólicas da Prece!

índice

MÚSICA MISTERIOSA...

Tenda de Estrelas níveas, refulgentes,
 Que abris a doce luz de lampadários,
 As harmonias dos Estradivarius
 Erram da Lua nos clarões dormentes...

Pelos raios fluídicos, diluentes
 Dos Astros, pelos trêmulos velários,
 Cantam Sonhos de místicos templários,
 De ermitões e de ascetas reverentes...

Cânticos vagos, infinitos, aéreos
 Fluir parecem dos Azuis etéreos,
 Dentre os nevoeiros do luar fluindo...

E vai, de Estrela à Estrela, à luz da Lua,
 Na láctea claridade que flutua,
 A surdina das lágrimas subindo...

índice

SERPENTE DE CABELOS

A tua trança negra e desmanchada

Por sobre o corpo nu, torso inteiriço,
Claro, radiante de esplendor e viço,
Ah! lembra a noite de astros apagada.

Luxúria deslumbrante e aveludada
Através desse mármore maciço
Da carne, o meu olhar nela espreguiço
Felinamente, nessa trança ondeada.

E fico absorto, num torpor de coma,
Na sensação narcótica do aroma,
Dentre a vertigem túbida dos zelos.

És a origem do Mal, és a nervosa
Serpente tentadora e tenebrosa,
Tenebrosa serpente de cabelos!...

índice

POST-MORTEM

Quando do amor das Formas inefáveis
No teu sangue apagar-se a imensa chama,
Quando os brilhos estranhos e variáveis
Esmorecerem nos troféus da Fama.

Quando as níveas Estrelas invioláveis,
Doce velário que um luar derrama,
Nas clareiras azuis ilimitáveis
Clamarem tudo o que o teu Verso clama.

Já terás para os báratros descido,
Nos cilícios da Morte revestido,
Pés e faces e mãos e olhos gelados...

Mas os teus Sonhos e Visões e Poemas
Pelo alto ficarão de eras supremas
Nos relevos do Sol eternizados!

índice

ALDA

Alva, do alvor das límpidas geleiras,
 Desta ressumbra candidez de aromas...
 Parece andar em nichos e redomas
 De Virgens medievais que foram freiras.

Alta, feita no talhe das palmeiras,
 A coma de ouro, com o cetim das comas,
 Branco esplendor de faces e de pomas,
 Lembra ter asas e asas condoreiras.

Pássaros, astros, cânticos, incensos
 Formam-lhe auréolas, sóis, nimbos imensos
 Em torno à carne virginal e rara.

Alda faz meditar nas monjas alvas,
 Salvas do Vício e do Pecado salvas,
 Amortalhadas na pureza clara.

índice

ACROBATA DA DOR

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
 Como um palhaço, que desengonçado,
 Nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
 De uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
 Agita os guizos, e convulsionado
 Salta, gavroche, salta clown, varado
 Pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
 Vamos! retesa os músculos, retesa
 Nessas macabras piruetas d'aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,
 Afogado em teu sangue estuoso e quente,
 Ri! Coração, tristíssimo palhaço.

índice

ANGELUS...

Ah! lilases de Ângelus harmoniosos,
 Neblinas vesperais, crepusculares,
 Guslas gementes, bandolins saudosos,
 Plangências magoadíssimas dos ares...

Serenidades etereais d'incensos,
 De salmos evangélicos, sagrados,
 Saltérios, harpas dos Azuis imensos,
 Névoas de céus espiritualizados.

Ângelus fluidos, de luar dormente,
 Diafaneidades e melancolias...
 Silêncio vago, bíblico, pungente
 De todas as profundas liturgias.

É nas horas dos Ângelus, nas horas
 Do claro-escuro emocional aéreo,
 Que surges, Flor do Sol, entre as sonoras
 Ondulações e brumas do Mistério.

Surges, talvez, do fundo de umas eras
 De doloroso e turvo labirinto,
 Quando se esgota o vinho das Quimeras
 E os venenos românticos do absinto.

Apareces por sonhos neblinantes
 Com requintes de graça e nervosismos,

Fulgores flavos de festins flamantes,
Como a Estrela Polar dos Simbolismos.

Num enlevo supremo eu sinto, absorto,
Os teus maravilhosos e esquisitos
Tons siderais de um astro rubro e morto,
Apagado nos brilhos infinitos.

O teu perfil todo o meu ser esmalta
Numa auréola imortal de formosuras
E parece que rútilo ressalta
De góticos missais de iluminuras.

Ressalta com a dolência das Imagens,
Sem a forma vital, a forma viva,
Com os segredos da Lua nas paisagens
E a mesma palidez meditativa.

Nos êxtases dos místicos os braços
Abro, tentado de carnal beleza...
E cuido ver, na bruma dos espaços,
De mãos postas, a orar, Santa Teresa!...

índice

LEMBRANÇAS APAGADAS

Outros, mais do que o meu, finos olfatos,
Sintam aquele aroma estranho e belo
Que tu, ó Lírio lânguido, singelo,
Guardaste nos teus íntimos recatos.

Que outros se lembrem dos sutis e exatos
Traços, que hoje não lembro e não revelo
E se recordem, com profundo anelo,
Da tua voz de siderais contatos...

Mas eu, para lembrar mortos encantos,
Rosas murchas de graças e quebrantos,

Linhas, perfil e tanta dor saudosa.

Tanto martírio, tanta mágoa e pena,
Precisaria de uma luz serena,
De uma luz imortal maravilhosa!...

índice

SUPREMO DESEJO

Eternas, imortais origens vivas
Da Luz, do Aroma, segredantes vozes
Do mar e luas de contemplativas,
Vagas visões volúpicas, velozes...

Aladas alegrias sugestivas
De asa radiante e branca de albornozes,
Tribos gloriosas, fúlgidas, altivas,
De condores e de águias e albatrozes...

Espiritualizai nos Astros louros,
Do sol entre os clarões imorredouros
Toda esta dor que na minh'alma clama...

Quero vê-la subir, ficar cantando
Na chama das Estrelas, dardejando
Nas luminosas sensações da chama.

índice

SONATA

I
Do imenso Mar maravilhoso, amargos,
Marulhosos murmurem compungentes

Cânticos virgens de emoções latentes,
Do sol nos mornos, mórbidos letargos...

II

Canções, leves canções de gondoleiros,
Canções do Amor, nostálgicas baladas,
Cantai com o Mar, com as ondas esverdeadas,
De lânguidos e trêmulos nevoeiros!

III

Tritões marinhos, belos deuses rudes,
Divindades dos tártaros abismos,
Vibrai, com os verdes e acres eletrismos
Das vagas, flautas e harpas e alaúdes!

IV

Ó Mar supremo, de fragrância crua,
De pomposas e de ásperas realezas,
Cantai, cantai os tédios e as tristezas
Que erram nas frias solidões da Lua...

índice

MAJESTADE CAÍDA

Esse cornóide deus funambulesco
Em torno ao qual as Potestades rugem,
Lembra os trovões, que tétricos estrugem,
No riso alvar de truão carnavalesco.

De ironias o momo picaresco
Abre-lhe a boca e uns dentes de ferrugem,
Verdes gengivas de ácida salsugem
Mostra e parece um Sátiro dantesco.

Mas ninguém nota as cóleras horríveis,
Os chascos, os sarcasmos impassíveis
Dessa estranha e tremenda Majestade.

Do torvo deus hediondo, atroz, nefando,
 Senil, que embora, rindo, está chorando
 Os Noivados em flor da Mocidade!

índice

INCENSOS

Dentre o chorar dos trêmulos violinos,
 Por entre os sons dos órgãos soluçantes
 Sobem nas catedrais os neblinantes
 Incensos vagos, que recordam hinos...

Rolos d'incensos alvadios, finos
 E transparentes, fúlgidos, radiantes,
 Que elevam-se aos espaços, ondulantes,
 Em Quimeras e Sonhos diamantinos.

Relembrando turíbulos de prata
 Incensos aromáticos desata
 Teu corpo ebúrneo, de sedosos flancos.

Claros incensos imortais que exalam,
 Que lânguidas e límpidas trescalam
 As luas virgens dos teus seios brancos.

índice

LUZ DOLOROSA...

Fulgem da Luz os Viáticos serenos,
 Brancas Extrema-Unções dos hostiários:
 As Estrelas dos límpidos Sacrários.
 A nívea Lua sobre a paz dos fenos.

Há prelúdios e cânticos e trenos
 Tristes, nos ares ermos, solitários...
 E nos brilhos da Luz, vagos e vários,
 Há dor, há luto, há convulsões, venenos...

Estranhas sensações maravilhosas
 Percorrem pelos cálices das rosas,
 Sensações sepulcrais de larvas frias...

Como que ocultas áspides flexíveis
 Mordem da Luz os germens invisíveis
 Com o tóxico das cóleras sombrias...

índice

TORTURA ETERNA

Impotência cruel, ó vã tortura!
 Ó Força inútil, ansiedade humana!
 Ó círculos dantescos da loucura!
 Ó luta, ó luta secular, insana!

Que tu não possas, Alma soberana,
 Perpetuamente refulgir na Altura,
 Na Aleluia da Luz, na clara Hosana
 Do Sol, cantar, imortalmente pura.

Que tu não possas, Sentimento ardente,
 Viver, vibrar nos brilhos do ar fremente,
 Por entre as chamas, os clarões supernos.

Ó Sons intraduzíveis, Formas, Cores!...
 Ah! que eu não possa eternizar as dores
 Nos bronzes e nos mármore eternos!

índice